

PLANO REGIONAL PARA 2008

UM PLANO AGRÍCOLA IGUAL AOS OUTROS - PALAVRAS SEM RESULTADOS NO RENDIMENTO DOS AGRICULTORES

Sr. Presidente da Assembleia

Sras. e Srs. Deputados

Sr. Presidente do Governo

Sra. e Srs. Membros do Governo

O Plano Regional para 2008 para o sector da Agricultura é um Plano muito atrelado a velhas ideias não é portador de acções de futuro e, como tal, não consegue satisfazer as exigências agrícolas da modernidade.

É um Plano que é apresentado financeiramente como o maior de sempre, aliás, como foram apresentados os seus antecessores, mas continuo a não compreender a razão das queixas dos Agricultores se existe tanto dinheiro em todos estes planos. A realidade desmente os vossos números e os vossos discursos palavrosos, onde as palavras não encontram existência pratica.

Basta para isso verificar que o Valor Acrescentado Bruto (VAB) no sector primário mingou entre 2000 e 2004.

É um documento onde o “investimento estrutural” continua a ser assinalado como marca, que diga-se em abono da verdade é preciso, mas são obras que se tornam eternamente inacabadas e ficam isoladas se não constituírem parte de uma política agrícola, também definida em eixos de orientação e de estratégia.

Este Plano, como os anteriores planos desta legislatura, ficam caracterizados pelo abandono de acções de estratégia.

Senão repare-se;

As bandeiras assinaladas pelo PS para esta Legislatura em matéria agrícola centravam-se na criação do Centro do Leite e Lacticínios, na implementação da Extensão Rural, no impulso político e prático ao Emparcelamento Agrícola e na revisão da Lei do Arrendamento Rural.

O Centro do Leite depois de ter aparecido no Plano de 2006 e desaparecido em 2007 não é feita nenhuma referência em 2008. Um nítido recuo, um exemplo claro que o Governo não possui pensamento para além da obra.

A Extensão Rural, do modo como estava corporizada no Plano de 2005 e 2006 nunca aconteceu, em 2007 e 2008 simplesmente evapora-se.

Para mais, incompreensivelmente, este é o terceiro ano que as verbas inscritas para a rubrica “experimentação e Divulgação Agrária” decrescem, ou seja, o discurso do Governo não coincide com a prática. Foi criada uma ilusão, no mundo real nada de substancial ocorreu, nada que justificou e justifica a elevada propaganda deste assunto.

A reestruturação fundiária foi anunciada no Congresso dos Agricultores em 2004 como a principal preocupação política da Governação Socialista para os próximos quatro anos, contudo já se passaram três e tudo se resume à minimalidade, nenhum instrumento legislativo de estímulo ao emparcelamento agrícola veio a este Parlamento.

A diversificação agrícola só existe em palavras e a área da formação profissional agrícola é abertamente um sinal da falta de esforço do Governo.

As verbas inscritas, neste Plano, mesmo subindo persistem em ser irrisórias, o que denota uma ausência de sensibilidade do Governo Regional para esta temática.

O rejuvenescimento agrícola é outra temática que surge, e pela terceira vez consecutiva, entregue a si própria, sem destino, sem metas e sem ambição.

É preciso estudar-se novas formas jurídicas de cooperação entre os actuais titulares e os seus filhos, de modo a impedir-se a constante “fuga” de jovens do sector.

A investigação científica aplicada à Agricultura torna a receber uma nota negativa. Os montantes mantêm-se iguais a 2007.

Apostar permanentemente no conhecimento científico é apostar num passaporte universal para liderar o sucesso na inovação agrícola. Perceba-se que a inovação tem ciclos curtos no mundo moderno.

Ademais, não se compreende que tendo em conta os meios técnicos e científicos ao nosso dispor, não se faça uma Agricultura com um melhor rendimento.

A este propósito, um sintoma da precariedade do rendimento agrícola prende-se com o facto de estar a continuar a crescer o número de Produtores de Leite que trabalham numa economia arcaica onde se trocam géneros por géneros, produto por produto, apesar do preço do litro de leite ter aumentado.

Repare-se que, o preço do leite tem vindo a subir, mas os preços dos concentrados para animais, do gasóleo, da mão-de-obra, dos fertilizantes, dos pesticidas, dos medicamentos veterinários, dos produtos de higiene, da maquinização, igualmente, tem vindo a subir. Acresce a tudo isto o normal custo de vida igual a qualquer outro cidadão.

Enquanto o preço do leite tem crescido o preço da carne tem descido.

Com efeito, no subsector da produção de carne de bovino, a situação é grave. Comparativamente a 2006 o preço da carne sofreu uma diminuição que chegou, nalguns casos, aos 50 cêntimos.

Soma-se a isto os drásticos cortes nos apoios comunitários pagos aos Agricultores, alguns atingindo os 50%.

O dinheiro anunciado pelo Governo foi diferente do dinheiro recebido pelos Agricultores, uma diferença que se traduz em menos dinheiro em muito menos dinheiro.

Igualmente aumentam os sinais de dificuldade na compra de terras agrícolas, uma vez que só é realizada se o Agricultor vender algum bem patrimonial, na generalidade estão a recorrer menos à banca e os rendimentos são insuficientes.

O resgate da quota de leite volta a ocorrer em 2008 depois de ter ocorrido em 2004, curiosamente os dois anos são anos de eleições Regionais. Sem dúvidas que no momento que surge é uma medida virada para a satisfação imediata da governação.

Também, não nos esquecemos da elevada voz dos vossos anúncios, nesta Assembleia e fora dela, sobre a rubrica “diversificação da economia rural” com uma dotação de 2 000 milhões de euros, pois nem um cêntimo foi gasto em 2007. Foi criada uma ilusão.

O Governo tem de compreender que apostar na fileira estrutural sem em simultâneo apostar na mesma medida na fileira da estratégia é o mesmo que bater palmas só com uma mão.

Sr. Presidente da Assembleia

Sras. e Srs. Deputados

Sr. Presidente do Governo

Sra. e Srs. Membros do Governo

Aguardávamos, novamente, que este Plano, o último desta legislatura, fizesse referência a aspectos agrícolas de “nova geração” e que influem decisivamente no rendimento dos Agricultores devido à demanda contemporânea das sociedades.

Referimo-nos ao contributo da Agricultura para as energias alternativas em particular pela utilização da biomassa pecuária e florestal.

Referimo-nos à existência de programas sobre a qualidade nutricional dos alimentos, um novo desafio dos Agricultores e que deveríamos estar a ser pioneiros.

Referimo-nos às Agriculturas naturais como a Biológica que é muito incipiente na Região e à certificação ambiental das explorações.

Referimo-nos a linhas de investigação para a alimentação animal, nesta necessária mudança alimentar que se avizinha por via das alterações climáticas.

Referimo-nos à biotecnologia aplicada a Agricultura.

Referimo-nos à diversificação por via do subsector da horto-frutifloricultura

E

Referimo-nos, por exemplo, à função humanizante da Agricultura, especialmente como meio fundamental de fixação de pessoas nas nossas Ilhas.

Atenda-se ao despovoamento humano e ao envelhecimento da população que está a ocorrer nos Açores, principalmente nalgumas Ilhas.

São Ilhas que têm por base económica a Agricultura, pelo que a Agricultura é problema e simultaneamente a solução. O que se nota é que as soluções encontradas V. Exas. são problemas.

Mas, convém esclarecer que a baixa densidade populacional é mais uma consequência da prioridade das políticas seguidas do que um resultado das circunstâncias naturais.

A ausência de novas abordagens políticas neste Plano implica a existência de um pensamento desajustado e muito limitativo, sem visão.

Os Senhores pensam no futuro ao ano e por isso estão na reacção em vez de estarem na acção.

Talvez por isso os Agricultores estão desmotivados, desinteressados, muitos já não acreditam nesta actividade e a maior parte diz aos seus filhos para procurarem outra profissão.

Perante tudo isto a verdade é que o Governo Regional continua a falar e falar sobre muito dinheiro e os Agricultores continuam a contar os cêntimos.

Disse

António Ventura – 29/11/2007